

O MAC é hoje o Movimento Anticelular, formado por aqueles que, como o Verissimo e eu, resistem à avassaladora moda dos telefones móveis

O primeiro celular

O primeiro celular a gente não esquece, sobretudo quando esse aparelho entra em nossa vida por caminhos, digamos assim, transversos.

Faço parte, com Luis Fernando Verissimo, de dois movimentos, o MSN, Movimento dos Sem-Netos, e o MAC. Esta sigla ainda provoca calafrios em nossa geração. Na época da ditadura, designava o Movimento Anticomunista, um bando paramilitar que tinha como propósito liquidar a esquerda. O Verissimo, corajosamente, fazia charges mostrando o MAC como um rinoceronte sentado em cima de um pobre brasileiro. Esses tempos passaram, e MAC é hoje o Movimento Anticelular, formado por aqueles que, como o Verissimo e eu, resistem à avassaladora onda dos telefones móveis. Foi o Verissimo quem criou a sigla, e ele é altamente contagioso: contou numa crônica que, cada vez que senta no avião, tem de se certificar que aquela tramela da mesa está riogorosamente na vertical. Pois o mesmo passou a acontecer comigo: aderi compulsivamente aos Vigilantes da Tramela (VT) e também ao MAC.

A resistência ao celular, porém, tem limite, por mais que nos esforcemos por defender nossa privacidade. Mortificado, confesso aqui que acabei cedendo às injunções do chamado progresso. Na semana passada fui a Vitória, no Espírito Santo, levando na bagagem – pela primeira vez – um reluzente celular.

Pelo que paguei um vexame. Um dos organizadores da Bienal do Livro foi me apanhar no aeroporto. Enquanto rumávamos para o hotel, ele comentou:

– Engraçado, tenho a impressão de que estou ouvindo um celular chamando.

Eu já ia atribuir aquilo a um delírio dele quando me dei conta: era, sim, um celular – o celular que eu levava na bagagem. Isto é o que acontece quando novas tecnologias invadem nossa vida. Até nos acostumarmos, pagamos o maior vexame.

O que me lembra um incidente acontecido em Porto Alegre. Um médico foi até o centro da cidade de táxi e esqueceu no carro o seu bip, à época um dispositivo ainda raro. Pouco depois, o bip começou a soar. Quando o motorista viu aquela coisa, ficou em pânico. Uma multidão se juntou ali, e todos juravam que era uma bomba (por que razão alguém colocaria uma bomba no automóvel de um pobre taxista foi algo que ninguém se perguntou). Felizmente apareceu alguém que acalmou o pessoal, explicando que bip não é bomba (quanto a celular, não tenho tanta certeza).

Inovação tem disso. No tempo em que as pessoas se comunicavam por pombo-correio não havia dessas coisas. Obviamente surgiam outros problemas. Semana passada um pombo-correio que deveria ir de Londres a Paris, num torneio dessas aves, acabou pousando em Nova York. Bem, mas se celular pode tocar no cinema, pombo-correio pode pousar em lugar errado, não é mesmo?



Diário de Bordo

Cartas, recados, e-mails – Escrevi aqui uma crônica (sobre viajantes que deixam animais de estimação em casa) contando a história de um psiquiatra que, do Exterior, consolou seu cachorro pelo telefone. Pois diz a Lourdes Vendruscolo: “Em 2001 viajei para a Rússia, e de lá liguei para casa. Minha empregada disse que meu cão Rock estava tão mal que ela temia que morresse antes de minha volta. Pedi que pusesse o fone na orelha do Rock. Após lambe-lo o telefone ele começou a correr de alegria. Depois, numa outra viagem, a empregada me disse que o Rock havia adormeci-

do sobre a mesa, ao lado do telefone.” História comovedora, Lourdes. Só espero que tua conta telefônica não tenha sido muito alta. ♦ Na crônica do último domingo, comentei várias possíveis origens da expressão OK. O Celso Camargo, o Fernando Terroso (Rio Grande) e o Diego G.F. mandaram e-mails acrescentando mais uma: na Guerra Civil americana eram emitidos informes sobre o número de vítimas. Quando o número de mortos era zero, a expressão era Zero Killed, mas este Zero era lido como a letra O e o Killed abreviado para K: daí OK. ♦ Um nome que condicio-

na destino, enviado pela Camila Saccomori: o do urologista Silvio Pinto. E sabem como se chama a fábrica que faz aqueles bonés do MST, que tanto deram o que falar? O nome é Bonelli. ♦ O presidente Flavio Fachel, do Esporte Clube Cruzeiro, convida-me para os 90 anos de aniversário do clube. Meu pai, que morreu nonagenário e era conselheiro do time, ficaria feliz, como feliz fico eu com esta celebração. O aniversário ocorre no dia 14 de julho, data da queda da Bastilha. A Bastilha caiu, mas o Cruzeiro, ao menos em nossos corações, não cairá jamais